

O livro de quadrinhos como categoria bibliográfica autônoma

The Book of Comics as an autonomous bibliographic category

por [Daniele Rohr](#) e [José Claudio Morelli Matos](#)

Resumo: Este artigo procura caracterizar a categoria bibliográfica livro de quadrinhos e distingui-la das demais obras de arte seqüencial existentes. Examina a bibliografia disponível acerca dos quadrinhos e discute as características encontradas pelos autores nas diferentes espécies de obras de arte seqüencial. Identifica a existência de um nicho informacional que não tem recebido tratamento científico específico por parte das ciências da informação. É proposta a terminologia de “livro de quadrinhos” para se referir especificamente ao tipo de obra de arte seqüencial que utiliza a linguagem dos quadrinhos, possui conteúdo voltado ao público adulto e que apresenta as características, físicas, editoriais e temáticas, de livro.

Palavras-chaves: Livro de quadrinhos; História em quadrinhos; Leitura; Leitor adulto; Categoria bibliográfica.

Abstract: This paper aims to characterize the bibliographic category Book of Comics and distinguish it from other existing works of sequential art. It examines the bibliography about Comics and discusses the features found by authors in different species of works in sequential art. It identifies the existence of an informational niche that has not received scientific specific treatment by information sciences. It is proposed the term “Book of Comics” to refer specifically to that kind of work of sequential art that uses the language of Comics, has adult oriented content and show characteristics, physical, editorial and thematic, of a book.

Keywords: Book of comics; History of comics; Reading; Adult reader; Bibliographic category.

Introdução

Este é um estudo sobre as histórias em quadrinhos. Seu objetivo principal é determinar, a partir de uma reflexão fundada no referencial teórico acerca do tema, as condições que devem ser preenchidas por uma obra de arte seqüencial para que esta possa ser incluída numa categoria bibliográfica autônoma, aqui denominada “*livro de quadrinhos*”. Considera-se o livro de quadrinhos como uma categoria bibliográfica autônoma por suas características particulares – estas que são objeto da presente investigação. Para tanto, é preciso antes de tudo conceituar a categoria bibliográfica livro de quadrinhos e distingui-la das demais obras de arte seqüencial existentes.

Esta pesquisa fundamenta-se em algumas constatações que podem ser feitas por quem examina a situação deste segmento informacional. As histórias em quadrinhos carecem de uma categorização minuciosa adequada. Não existe uma obra de referência que detalhe os tipos de histórias em quadrinhos existentes (*tirinha, novela, charge, etc.*), os formatos em que são publicadas (*gibi, jornal, livros*), os assuntos mais abordados e o público a que se destinam (*crianças, adolescentes, adultos e grupos especiais: histórias em quadrinhos informativas sobre doenças, por exemplo*). O que se tem são obras separadas, em contextos distintos, que abordam o tema sob ângulos diferentes. Desta forma, pretende-se aqui sugerir a utilização de uma terminologia e uma caracterização da modalidade específica de histórias em quadrinhos, a fim de ampliar o conhecimento existente na área e reduzir a imprecisão existente na consideração do tema. Pretende-se, também, promover o reconhecimento do leitor adulto de histórias em quadrinhos, por meio da comprovação da existência de um segmento informacional direcionado exclusivamente a ele.

Outra razão que justifica esta pesquisa é o fato de a leitura de livros de quadrinhos constituir um fenômeno informacional que escapa ao olhar científico tradicional do profissional da informação. A fim de permitir o domínio técnico e a inclusão dos quadrinhos como fonte legítima de informação, é que se indica o tratamento do livro de quadrinhos como uma categoria provida de relativa autonomia. Assim, acredita-se que este estudo contribuirá para esclarecer leitores e profissionais acerca de uma modalidade específica de histórias em quadrinhos, os livros de quadrinhos, possibilitando reflexões sobre sua inclusão nos mais diversos tipos de Unidades de Informação.

Questões de identidade e de origem

Muitas são as controvérsias em torno das histórias em quadrinhos. Controvérsias sobre sua origem, sua

importância, seu público, sua eventual condição de livro. A natureza híbrida da linguagem, constituída de imagens seqüenciadas e de texto, situa as obras de quadrinhos em um terreno incerto. De um lado não se trata de literatura, de outro não se trata de artes plásticas. Além disso, os hábitos de utilização dos leitores e as políticas editoriais contribuíram por muito tempo para os quadrinhos permanecerem em uma espécie de limbo informacional, dificilmente classificáveis, e conseqüentemente, dificilmente reconhecidos.

Confusões são cometidas até mesmo no que tange ao conceito e aos espécimes integrantes dessa modalidade bibliográfica singular que alimenta o intelecto e a sensibilidade de crianças, adolescentes e adultos há mais de um século. Contudo, observa-se que cada controvérsia contém em si um elemento comum às demais, e a busca por determinar este elemento (*ou elementos*) constituirá uma das linhas mestras deste trabalho. Sobre a origem das histórias em quadrinhos, há fundamentalmente três teorias: duas delas partem de um elemento que caracteriza essa modalidade bibliográfica e uma tenta apenas determinar o ponto exato de seu nascimento. A primeira teoria compreende os quadrinhos como uma “*linguagem gráfica*”, e defende que suas origens sejam pré-históricas ([Iannone, 1994](#)). Para esta vertente, a arte rupestre seria a primeira manifestação do que hoje conhecemos por “*arte seqüencial*”. A segunda teoria entende os quadrinhos como um meio de comunicação de massa, e atrela suas origens ao final do século XIX, com a publicação de *Yellow Kid*, de *Richard Outcault*, na imprensa norte-americana. A terceira e última teoria apenas tenta identificar o ponto – data e local – de nascimento da primeira história em quadrinhos. [Moya \(1994\)](#), em seu livro *História das histórias em quadrinhos*, reconhece como primeira publicação quadrinística a *Histoire de Monsieur Vieux-Bois*, de [Rudolf Töpffer](#), escrita em 1827 na Suíça e publicada dez anos depois na Europa.

Quanto à importância conferida às histórias em quadrinhos, há muito o que se ponderar. De acordo com Barbieri (apud [Ramos, 2009](#), p.18), “*os quadrinhos dialogam com recursos da ilustração, da caricatura, da pintura, da fotografia, da arte gráfica, da música e da poesia (trabalhadas por ele de forma integrada), da narrativa, do teatro e do cinema*”. Desta forma, o questionamento do valor das histórias em quadrinhos perpassa, necessariamente, o questionamento de todas as linguagens integradas que compõem sua forma geral de expressão. Andraus (1999, p.43), por sua vez, afirma que as histórias em quadrinhos são dotadas de valor cultural, e constituem um objeto cultural: “*a função cultural que as Histórias em Quadrinhos têm como importante veículo de expressão de idéias e conceitos, contribuindo, além do lazer, na formação educacional em todos os âmbitos dos seres humanos, principalmente acerca de questionamentos de ordem filosófica, intrínsecos ao homem, funcionando como importante ferramenta de reflexão e de conduta ético-cultural, atingindo desde a tenra infância à idade adulta, visto que ... as HQs também são produzidas para todas as faixas de idade, tal qual o são as outras formas de comunicação e arte.*”

Apesar disso, as histórias em quadrinhos (*e seus leitores*) foram, por muito tempo, alvo de preconceito. Felizmente, esta realidade está sendo modificada. Os padrões de qualidade editorial, as abordagens temáticas, o cuidado e as técnicas gráficas, artísticas e literárias têm apresentado uma crescente evolução. Prova disso é o aumento de referências e de menções a obras de quadrinhos em muitos outros veículos de transmissão cultural.

Como afirma um dos maiores estudiosos do assunto, “hoje as histórias em quadrinhos já são encaradas de forma muito mais positiva por parcelas cada vez maiores da sociedade” ([Vergueiro, 2005](#)). Prova este fato a inserção de coleções de quadrinhos em diversas bibliotecas e o estudo do fenômeno das histórias em quadrinhos em ambientes universitários. Em se tratando do público leitor de histórias em quadrinhos, percebe-se certa continuidade do preconceito relacionado ao valor destas: em determinados meios, ainda se prega e se acredita que elas são escritas somente para crianças e adolescentes. Não se nega, aqui, a existência de um vasto número de títulos direcionados ao público infantil e infanto juvenil. Contudo, é inadmissível que se ignore a grande quantidade de histórias em quadrinhos publicadas para a apreciação de leitores adultos .

Por fim, resta mencionar a polêmica acerca da condição de livro de algumas publicações em forma de histórias em quadrinhos. Por serem publicadas, principalmente em seus primórdios, de forma seriada e em material de baixa qualidade e baixo custo, as obras de arte sequencial nunca foram reconhecidas como livro. Contudo, mais recentemente, muitas histórias em quadrinhos têm recebido um tratamento editorial diferenciado, e a qualidade material das obras tem superado a de muitos livros convencionais. A principal conseqüência dessa alteração é a mudança na percepção do valor do seu conteúdo: ele

deixa de ser fugaz para tornar-se permanente. Outra consequência notável é o questionamento sobre a inserção deste material no acervo “normal” de bibliotecas. Se antes o gibi não recebia tratamento técnico e era reunido a esmo em uma estante aleatória do setor infantil, agora o livro – bonito, volumoso, com tratamento gráfico diferenciado e conteúdo visivelmente não infantil – gera dúvidas sobre a classe em que deve ser inserido. Ainda que se tenha um número para histórias em quadrinhos na classe 700 (741.5, na CDD), por que não colocá-las na classe do assunto por elas contemplado? Tal recomendação é feita, a propósito, em obra publicada pela *American Library Association (ALA)* e direcionada aos profissionais da informação: *Graphic novels now: building, managing, and marketing a dynamic collection* (Goldsmith, 2005).

Diante de todas essas considerações, o que se pretende com este estudo é identificar as características das histórias em quadrinhos escritas, publicadas e destinadas ao leitor adulto que apresentem as características de livro. Acredita-se que o estabelecimento de uma terminologia adequada (livro de quadrinhos) e de uma caracterização criteriosa possam contribuir para a familiarização do bibliotecário e demais profissionais da informação com as histórias em quadrinhos e, particularmente, com a modalidade de história em quadrinhos que é objeto deste estudo. Tenciona-se, também, fornecer subsídios para uma reflexão acerca da inclusão desse tipo de material nas bibliotecas. Histórias em quadrinhos são produzidas, editadas e lidas há mais de um século. Apesar disso, ainda se carece de estudos nacionais com critérios rigorosos de análise que categorizem minuciosamente esse nicho de informação, cultura e entretenimento. Carece, também, de uma terminologia adequada a cada modalidade de histórias em quadrinhos existente.

O resultado que esta discussão pode produzir é o de delimitar um segmento de obras de arte seqüencial, conferindo-lhe uma terminologia nacional adequada. Neste caso, o segmento escolhido será denominado “*livro de quadrinhos*”, fundamentalmente entendido como histórias em quadrinhos com temática adulta publicadas em formato de livro. Este segmento é considerado uma categoria bibliográfica porque possui forma física de livro, além de um valor informacional permanente. É uma categoria bibliográfica autônoma porque se utiliza de uma linguagem autônoma – a linguagem dos quadrinhos (Ramos, 2009) – e apresenta unidade de conteúdo, isto é, não depende de outras obras para que seu entendimento seja possível.

Assumindo um posicionamento ante as vertentes históricas disponíveis, aceitar-se-á que as histórias em quadrinhos surgiram em 1827 (Moya, 1994) e foram popularizadas no final do século XIX (Luyten, 1987). Publicadas inicialmente em jornais e em formato de tiras, elas foram gradativamente inseridas na vida cotidiana das pessoas. Com o decorrer do tempo, tornaram-se independentes dos jornais, tomando diferentes formas e conquistando diferentes públicos. No começo da década de 30, surgem os comic books (Saraceni, 2003), que promoveram a emancipação das histórias em quadrinhos.

A origem das histórias em quadrinhos direcionadas ao público adulto é simultânea à popularização dos quadrinhos nos jornais, especialmente nos jornais norte-americanos. Na verdade, a publicação de tiras em jornais foi primeiramente voltada a esse público, e depois passou a coexistir com as tiras infantis e as tiras para a “*família*”. De acordo com Harvey (2010), as “*histórias em quadrinhos ... foram criadas para os adultos, porque são eles que compram os jornais, não as crianças*”. *The Spirit*, de Will Eisner, pode ser considerada a primeira história seriada com teor adulto. Publicada em 1940, ela era “*diferente por causa do seu senso de humor .. e, talvez mais importante, pelas suas histórias serem direcionadas mais a leitores “maduros”*” (Saraceni, 2003, p.2). Na década de 60, surgem as histórias em quadrinhos underground, assim denominadas por retratarem temas até então ignorados ou proibidos (*drogas, sexo e violência, principalmente*). Os principais representantes do movimento são Robert Crumb (com a publicação de *Fritz, the cat*) e Gilbert Shelton (com a publicação de *The Fabulous Furry Freak Brothers*). O movimento underground é importante porque consolida as esporádicas manifestações quadrinísticas de contracultura que vinham acontecendo desde a década de 20. Além disso, reflete o contexto social e histórico do ocidente daquele período.

No final da década de 70, Will Eisner publica “*Um contrato com Deus*”, criando um termo e uma nova categoria de histórias em quadrinhos: as *graphic novels* (novela gráfica). Entre 1985 e 1992 é publicada a primeira história em quadrinhos reconhecidamente adulta: “*Maus – a história de um sobrevivente*”, de Art Spiegelman (Saraceni, 2003). A história retrata o Holocausto nos campos de concentração nazistas durante a Segunda Guerra Mundial. Após isso, as histórias em quadrinhos

voltadas ao leitor adulto tornaram-se um segmento cada vez mais destacado e com relativa autonomia em relação a outras modalidades de histórias em quadrinhos. As editoras passam, então, a identificá-las, inserindo na capa frases como: *suggested for mature readers* ou “*sugerido para maiores de 18 anos*”. Em outros casos, criam um “selo” para distingui-las, como é o caso do selo Vertigo, da editora norte-americana *DC Comics*.

Diante desse panorama histórico, faz-se necessário um entendimento mais profundo da natureza das histórias em quadrinhos. Quanto ao seu conceito, existe uma certa unanimidade: elas são vistas fundamentalmente como uma técnica de contar histórias (Rahde, 2000), um meio de comunicação de massa (Vergueiro, 2003), um “veículo de expressão de idéias e conceitos” (Andraus, 1999, p.43), “uma embarcação capaz de conter um número ilimitado de imagens e idéias” (McCloud apud Eisner, 1995, p. 9). Tecnicamente, as histórias em quadrinhos caracterizam-se pela presença de principalmente dois elementos: imagens dispostas sequencialmente, unidas por uma ou mais narrativas. A narrativa é geralmente explicitada por meio da utilização de texto, mas pode aparecer também sem o emprego desse recurso.

As histórias em quadrinhos fazem parte do que Will Eisner, renomado autor e estudioso da área denominou de “*Arte Seqüencial*”. Para ele, a arte seqüencial constitui “*um veículo de expressão criativa, uma disciplina distinta, uma forma artística e literária que lida com a disposição de figuras ou imagens e palavras para narrar uma história ou dramatizar uma idéia*” (Eisner, 1995, p. 5). As principais manifestações de arte seqüencial existentes em meio impresso obviamente são os quadrinhos.

Elementos componentes dos quadrinhos

Os principais elementos constituintes das histórias em quadrinhos foram descritos em três obras reconhecidamente “*clássicas*” da área: *Quadrinhos e Arte Seqüencial e Narrativas Gráficas*, ambas de Will Eisner, e *Desvendando os Quadrinhos*, de Scott McCloud. Na primeira obra, os elementos descritos são:

a) Imagem: talvez o elemento crucial dos quadrinhos. É empregada de forma exagerada – isto é, as expressões e movimentos dos personagens são distorcidos para facilitar a compreensão do leitor – e exerce um papel de comunicador. Outra característica importante é seu caráter universal, fator que favorece a universalização das HQs.

b) Tempo: determina, sobretudo, o ritmo da narrativa. O tempo pode ser representado de diversas formas. A utilização de quadros menores e mais finos dá uma idéia de aceleração da história. O emprego de elementos cotidianos, como a queda de uma gota de água, também auxilia no processo de “temporização” do quadrinho.

c) Quadrinho: é o recurso empregado para capturar e sequenciar um evento. Pode ser entendido como um recorte da narrativa que se pretende externar. Elementos importantes do quadrinho são o enquadramento – a perspectiva sob a qual o autor retrata uma cena – e o seu requadro – o contorno do quadrinho. Ambos fornecem informações que auxiliam na compreensão da história.

d) Anatomia expressiva: consiste na representação da forma e expressão humana. Isso envolve principalmente o formato do corpo, a postura e as expressões faciais dos personagens.

e) Escrita: é a parte escrita que se liga à imagem dos quadrinhos. Segundo Eisner (1995, p.122), “quando palavra e imagem se misturam, as palavras

formam um amálgama com a imagem e já não servem para descrever, mas para fornecer som, diálogo e textos de ligação”. A escrita pode desempenhar diferentes funções em uma história em quadrinhos e produzir diferentes efeitos, podendo ampliar ou restringir o sentido de uma cena ou história.

Na segunda obra, o autor acrescenta dois elementos que, embora extrínsecos, têm influência direta na composição das histórias em quadrinhos: o leitor e o narrador. Segundo o autor, ambos estabelecem um contrato: “o narrador espera que o público vá compreender, enquanto o público espera que o narrador vá transmitir algo que seja compreensível. Nesse acordo, o fardo encontra-se sobre o ombro do narrador” (Eisner, 2005, p.53). Pode-se inferir que essa relação é uma das principais responsáveis pelo recorte histórico que é visível em muitas HQs: para produzir um “algo” compreensível, o narrador precisa conhecer não apenas o leitor que almeja atingir, mas também todo o seu entorno. Por sua vez, Scott McCloud (2005), relaciona os seguintes elementos componentes das histórias em quadrinhos:

- a) Vocabulário: é a linguagem própria dos quadrinhos. Essa linguagem é composta, sobretudo, de ícones, que são “qualquer imagem que represente uma pessoa, local, coisa ou idéia” (McCloud, 2005, p. 27). O ícone estimula a leitura visual, porque obriga o leitor a fazer associações entre as representações da realidade e a realidade em si.*
- b) Sarjeta: é o espaço existente entre dois quadrinhos. É “no limbo da sarjeta que a imaginação humana capta duas imagens distintas e as transforma em uma única idéia”. (McCloud, 2005, p. 66). Além disso, a sarjeta auxilia no processo de completar imagens e idéias: o processo de conclusão. Ainda que, aparentemente exista um grande vazio entre um quadrinho e o seguinte, em nossa mente sabemos que algo se processou ali no meio.*
- c) Molduras de tempo: trata da forma como o tempo é representado nas HQs.*
- d) Linhas e traços: são os componentes das imagens dos quadrinhos. O autor emprega as palavras “linhas e traços” em vez de “imagens” porque elas remetem mais facilmente ao estilo do desenho. O estilo do desenho é uma fonte preciosa de informação, revelando aspectos abstratos da história representada.*
- e) Palavras e figuras: explora o complexo fenômeno da relação entre palavras e imagens. Segundo o autor, “palavras e figuras têm um grande poder de contar histórias quando completamente exploradas” (McCloud, 2005, p.152).*
- f) Cor: não é um componente obrigatório das histórias em quadrinhos, mas certamente influenciou profundamente toda a história da produção, editoração e leitura das HQs. O emprego estratégico faz com que o desenho adquira o “clima” que o autor quis transmitir.*

Gêneros e espécies de quadrinhos

Os quadrinhos são classificados e divididos sob diversos aspectos. O critério mais comumente utilizado para distingui-los refere-se aos veículos e formatos das publicações. Conforme Vergueiro (2003), a divisão pode ser expressa da seguinte maneira:

- a) Gibi: é o tipo de HQ mais conhecido no Brasil. São publicações seriadas (normalmente mensais), publicadas em formato pequeno (formatinho –*

135mm X 190mm) com papel de baixa qualidade e durabilidade. Geralmente destinado ao público infantil e infanto-juvenil, possui baixo custo de aquisição e representa o “clássico produto de consumo de massa” (Vergueiro, 2003).

b) *Álbuns e edições encadernadas*: são publicações não-seriadas, editadas normalmente em formato de livro (número de páginas superior a 50, papel e encadernação de maior qualidade, dentre outros). Às vezes, são frutos da união de gibis, tiras de jornais ou maxisséries e minisséries. Os álbuns são, em sua maioria, reedições de obras que foram anteriormente publicadas de forma seriada, e que posteriormente são reunidos em edições mais luxuosas, com algumas características de livro.

c) *Graphic novels, maxisséries e minisséries*: As graphic novels podem ser definidas como uma “história em quadrinhos longa que contém uma narrativa ou um conjunto de narrativas interligadas relatadas por meio do emprego da ‘arte seqüencial’” (Rothschild, 1995, p.xiii). As principais características dessa modalidade de HQ, embora não obrigatórias, são o tratamento editorial diferenciado (publicações relativamente luxuosas) e o conteúdo mais voltado ao público “maduro”. As minisséries são novelas gráficas compostas de três a seis volumes, e as maxisséries são constituídas por até 16 volumes.

d) *Quadrinhos publicados em jornais*: deste grupo fazem parte principalmente as tiras ou tirinhas. Algumas são escritas exclusivamente para jornais e posteriormente reunidas em álbuns. As charges, apesar de possuírem elementos característicos das HQ's, não se enquadram nesse grupo porque possuem apenas uma imagem, e não várias em sequência.

e) *Mangás*: os mangás são histórias em quadrinhos japonesas. A nomenclatura distinta se deve às características próprias dessas obras, tanto em termos gráficos quanto de conteúdo. Existem mangás de diversos gêneros e para diversos públicos.

f) *Fanzines*: são revistas publicadas por leitores de quadrinhos. O termo se origina da união de fan e magazine. Os fanzines contém, em sua maioria, resenhas/análises de histórias em quadrinhos e histórias em quadrinhos próprias, produzidas também pelos leitores. Eles são importantes porque possibilitam a manifestação dos leitores, criando uma espécie de ambiente de socialização de opiniões, idéias e produções independentes.

O livro de quadrinhos, segundo a caracterização aqui proposta, é muito menos uma sétima classe, e muito mais uma categoria transversal a esta divisão apresentada por Vergueiro. O que se pretende destacar como categoria bibliográfica autônoma é o conjunto de obras em quadrinhos cujo tema, o aspecto físico e o modo de apropriação pelo leitor – tomados estes critérios sempre em conjunto e integrados – o fazem distinguir-se das demais espécies de histórias em quadrinhos existentes. Por isso, livro de quadrinhos não é uma nova classe, é um novo ponto de vista, uma nova consideração. Quanto aos gêneros e assuntos retratados nas histórias em quadrinhos, não há uma classificação precisa. Vergueiro (2003a, 2004) aponta alguns deles, a saber: quadrinhos de humor, quadrinhos protagonizados por crianças, quadrinhos de animais falantes, quadrinhos em ambiente familiar, quadrinhos protagonizados por mulheres e quadrinhos de aventura. Andraus (1999), por sua vez, faz

menção a gêneros literários passíveis de serem encontrados em histórias em quadrinhos, tais como: o romance histórico ou ficcional, o documentário, o erótico, o ficcional científico e fantástico, o poético, o terror e o filosófico. Independentemente da classificação empregada e de qualquer discrepância que o termo “*gênero*” pode vir a gerar, é importante ter-se em mente que as histórias em quadrinhos abarcam uma vastidão de conteúdos, de tipologia de personagens e de estética gráfica.

Quanto à maturidade do leitor de histórias em quadrinhos, a categorização é mais exata: existem obras de arte seqüencial direcionadas ao público infantil, infante juvenil e adulto. As histórias infantis são as mais conhecidas e, na atualidade, sua leitura é amplamente disseminada. Isso se deve, talvez, em função da realização de diversos estudos relacionando-as à formação de leitores e, sobretudo, de leitores competentes. As histórias infante-juvenis também já conseguiram conquistar um espaço relativamente livre de preconceitos, e, ainda que em menor escala, conseguiram também adentrar em diversas bibliotecas.

Os quadrinhos adultos, por outro lado e infelizmente, ainda carecem de aceitação nos meios formais de ensino e pesquisa. A quase inexistência de estudos realizados a respeito, o desconhecimento que não-leitores demonstram sobre o tema e a manutenção de grupos de socialização isolados certamente contribuíram para o desprestígio dessa categoria de história em quadrinhos. Contudo, sua existência e permanência relativamente alheia aos tradicionais ambientes de disseminação de informações comprovam que há um público leitor que não se deixa desencantar pela eventual dificuldade de acesso. Em acordo com o que foi dito acima, o livro de quadrinhos supõe um leitor maduro o bastante para apreciar e compreender uma temática adulta. “*Maduro*” no sentido de que sua apreciação estética, seus juízos e considerações morais, seus interesses sociais, políticos, culturais, o conduzem a eleger e consumir este tipo específico de obra. Relacionadas e descritas as principais características intrínsecas e extrínsecas das histórias em quadrinhos, resta agora elencar aquelas que são comuns ao objeto de estudo deste trabalho: o livro de quadrinhos.

Quanto ao formato de publicação, o livro de quadrinhos não se enquadra completamente em nenhuma das categorias estabelecidas e publicamente reconhecidas. Ele se aproxima das *graphic novels* se considerados o formato e o público-alvo dessas, mas não se enquadra completamente nesta categoria porque as novelas gráficas não englobam os álbuns de tirinhas direcionadas ao público adulto, e porque os dois elementos mencionados não precisam estar necessariamente presentes naquele gênero. Já os álbuns e edições encadernadas possuem apenas um dos critérios necessários a um livro de quadrinhos: o formato físico. O público dessas edições costuma ser variado, fator que o exclui da categoria em estudo. De essencial, um ‘*livro de quadrinhos*’ deve possuir, sob a perspectiva deste trabalho: a) tratamento do assunto direcionado ao público adulto; b) formato físico similar ao de um livro.

Com relação ao gênero e assuntos abordados, o livro de quadrinhos pode conter tudo o que foi anteriormente mencionado. Não existem delimitações para este item. Mapear os assuntos retratados pelas obras já existentes ou relacionar os assuntos mais frequentemente abordados seria, inclusive, um tópico interessante para uma pesquisa futura. Os elementos das histórias em quadrinhos, por sua vez, são todos comuns aos livros de quadrinhos. Juntos, eles formam a já mencionada ‘*Arte Sequencial*’ ou, como quiseram outros autores a ‘*Nona arte*’ (Haag, 2005; Diniz). Em se tratando da maturidade do leitor de histórias em quadrinhos, o livro de quadrinhos destina-se ao leitor adulto, isto é, aquele com idade igual ou superior a dezoito anos.

Considerações finais

O livro de quadrinhos constitui uma categoria bibliográfica porque, como sugere a expressão, possui o formato de livro. Assim, em termos de comparação, o livro de quadrinhos ocupa, na percepção do público, um patamar similar ao de um romance ou de uma obra teórica. E, da mesma forma que estes, utiliza-se de um tipo específico de linguagem: a linguagem dos quadrinhos (Ramos, 2009). É, ainda, uma categoria bibliográfica autônoma porque “*usa mecanismos próprios para representar os elementos narrativos*”, ainda que compartilhe elementos também presentes na literatura, cinema, teatro e em outras linguagens (Ramos, 2009, p. 17). Por possuir essa característica – a de agregar elementos de diferentes gêneros e linguagens – os quadrinhos podem ser entendidos como um hipergênero (Ramos, 2009). Entre as tendências das histórias em quadrinhos de teor adulto,

especialmente as da atualidade, destaca-se a produção e publicação de ‘quadrinhos independentes’, ‘quadrinhos autorais’ e ‘quadrinhos alternativos’.

Por fim, resta acrescentar um breve comentário sobre o estudo e a inserção das histórias em quadrinhos e, mais especificamente dos livros de quadrinhos, no ambiente acadêmico. [Vergueiro](#) (2006) foca, em alguns de seus textos, os estudos realizados nas Universidades brasileiras, especialmente na Universidade de São Paulo.

Andraus (2006), por sua vez, defende a idéia da utilização das histórias em quadrinhos como ferramenta didática no ensino superior. De acordo com ele (2006, p.266), o sistema de ensino, em todos os seus níveis, continua aplicando uma metodologia baseada numa ciência fragmentária, que não contempla o fator humano, o emocional, sua interação, sua psique, suas expressões, suas necessidades inerentes em criar e fantasiar. No mais, é possível perceber a proliferação de estudos sobre os quadrinhos nos mais diversos campos do conhecimento, inclusive em Biblioteconomia e Ciência da Informação. As histórias em quadrinhos são lidas por uma parcela significativa de pessoas. Uma parcela que justifica sua produção, sua editoração e seu consumo. Nesta pesquisa buscou-se estudar e definir, ainda que de forma inicial, um objeto cujo conceito não figura de forma clara na literatura – o Livro de Quadrinhos. Esse tipo de publicação é relativamente recente, e vem se acentuando na última década. As principais características dos livros de quadrinhos concentram-se em dois aspectos: de forma e de conteúdo. Sob o primeiro aspecto, tem-se que eles são publicados em formato de livro, constituindo, assim, uma categoria bibliográfica. Sob o segundo aspecto, assume-se que eles possuem conteúdo adulto, tanto pelos temas apresentados quanto pela linguagem utilizada.

Bibliografia

- ANDRAUS, Gazy. Existe o quadrinho no vazio entre dois quadrinhos? : (ou: O Koan nas Histórias em Quadrinhos Autorais Adultas). 1999. 248 f. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Universidade Estadual Paulista, São Paulo, 1999. Disponível em: <http://www.guiadosquadrinhos.com/monografiaview.aspx?cod_mono=15> . Acesso em: 16 maio 2010.
- _____. As histórias em quadrinhos como informação imagética integrada ao ensino universitário. 2006. 231 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. Disponível em: <http://guiadosquadrinhos.com/monografiaview.aspx?cod_mono=21> Acesso em: 17 maio 2010.
- DINIZ, André. Manifesto Nona Arte: versão 1.0. [S.l.: s.n., s.d.]. Disponível em: <<http://www.tiburcio.locaweb.com.br/tibanews ESPECIAL0404.htm>>. Acesso em: 21 nov. 2010.
- EISNER, Will. Quadrinhos e arte sequencial. 2.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1995. 154p. ISBN 8533603665
- _____. Narrativas gráficas. São Paulo: Devir, 2005. 172 p.
- GOLDSMITH, Francisca. Graphic novels now: building, managing, and marketing a dynamic collection. [Chicago]: ALA Editions, 2005. 124p.
- HAAG, Carlos. A nona arte. Pesquisa Fapesp, São Paulo, n.110, p. 86-89, abr. 2005.
- HARVEY, R. C. Comics for kids. [S.l.: s.n.], 2010. Disponível em: <<http://www.tcj.com/blog/comics-for-kids>>. Acesso em: 25 abr. 2010.
- IANNONE, Leila Rentroia; IANNONE, Roberto Antonio. O mundo das historias em quadrinhos. São Paulo: Moderna, 1994. 87 p.
- LUYTEN, Sonia Maria Bibe. O que é história em quadrinhos. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1987. 88p.
- MCCLOUD, Scott. Desvendando os quadrinhos: história, criação, desenho, animação, roteiro. São Paulo: M. Books, 2005. 217 p.
- MOYA, Alvaro de. História da história em quadrinhos. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994. 212p.
- RAHDE, Maria Beatriz Furtado. Imagem: estética moderna e pós-moderna. Porto Alegre: EDPUCRS, 2000. 170 p. (Coleção Comunicação, 7). Disponível em: <<http://books.google.com/books?id=4arLV3m1oSAC&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false>>. Acesso em: 16 maio 2010.

RAMOS, Paulo. A leitura dos quadrinhos. São Paulo: Contexto, 2009. 160 p.

ROTHSCHILD, D. Aviva. Graphic novels: a bibliographic guide to book-length comics. [S.l.]: Libraries Unlimited, 1995.

Disponível em: <http://books.google.com/books?id=Sm3_YbO-LIcC&printsec=frontcover&hl=pt-BR#v=onepage&q&f=false>. Acesso em: 16 maio 2009.

SARACENI, Mario. The language of comics. London: Routledge, 2003. 193 p.

VERGUEIRO, Waldomiro. O mercado produtor e consumidor de histórias em quadrinhos: alguns subsídios para o trabalho do profissional de informação. 2003. Disponível em: <<http://www.ofaj.com.br/colunas>>. Acesso em: 16 maio 2010.

_____. Histórias em quadrinhos e serviços de informação: um relacionamento em fase de definição. Data Grama Zero, v. 6, n. 2, art. 04, ago. 2005. Disponível em: <http://www.dgz.org.br/abr05/Art_04.htm>. Acesso em: 22 nov. 2010.

_____. As histórias em quadrinhos e seus gêneros I: as origens na esfera do humor e da comicidade. 2003a. Disponível em: <<http://www.ofaj.com.br/colunas>>. Acesso em: 16 maio 2010.

_____. As histórias em quadrinhos e seus gêneros II: os quadrinhos protagonizados por crianças. 2003a. Disponível em: <<http://www.ofaj.com.br/colunas>>. Acesso em: 16 maio 2010.

_____. As histórias em quadrinhos e seus gêneros III: os quadrinhos de animais falantes. 2003a. Disponível em: <<http://www.ofaj.com.br/colunas>>. Acesso em: 16 maio 2010.

_____. As histórias em quadrinhos e seus gêneros IV: as histórias em quadrinhos em ambiente familiar. 2003a. Disponível em: <<http://www.ofaj.com.br/colunas>>. Acesso em: 16 maio 2010.

_____. As histórias em quadrinhos e seus gêneros V: os quadrinhos protagonizados por mulheres. 2003a. Disponível em: <<http://www.ofaj.com.br/colunas>>. Acesso em: 16 maio 2010.

_____. As histórias em quadrinhos e seus gêneros VI: os quadrinhos de aventura. 2004. Disponível em: <<http://www.ofaj.com.br/colunas>>. Acesso em: 16 maio 2010.

Sobre os autor / About the Author:

Daniele Rohr

danielerohr0212@gmail.com

Bacharel em Biblioteconomia E Ciências da Informação, pela Universidade do Estado de Santa Catarina.

José Claudio Morelli Matos

doutortodd@gmail.com

Doutor em Filosofia pela Universidade de São Paulo. Professor do Departamento de Ciências Humanas da Faculdade de Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina.